

LYN LIAO BUTLER

o CLUBE DO LIVRO MORTAL



LYN LIAO BUTLER

O CLUBE
DO LIVRO
MORTAL

TRADUÇÃO
CARLOS SZLAK



PARTE 1

ANTES



O DIA DA ASSASSINA

DIANTE DO BRILHO DA TELA DO COMPUTADOR, A ASSASSINA SENTE O coração bater mais forte ao contar os minutos para a reunião virtual do clube do livro desta noite. Jessie escolheu o livro do mês — um romance de terror de uma autora estreante taiwanesa-americana, pois gosta de apoiar pessoas como ela. As Bookers, como foram batizadas por Kate, e as suas reuniões mensais privadas causam inveja no mundo literário, incluindo escritores, editores e influenciadores. Muita gente tentou entrar para o círculo, mas ninguém conseguiu. As noites do clube do livro sempre foram especiais para as cinco integrantes. Mas esta noite... Esta noite será a mais especial de todas. Porque uma delas está prestes a morrer.

As cinco estão entre as principais influenciadoras literárias da atualidade, com idades entre vinte e sete e cinquenta e três anos: Leigh, Jessie, Sidney, Kate e Helena. Ainda que leiam de tudo, cada uma tem suas preferências. Leigh adora histórias românticas e, em seis meses, vai se casar com o noivo, conquistando o próprio “felizes para sempre”. Jessie não se cansa de histórias de terror e crimes reais, e quanto mais brutais, melhor. Sidney é viciada em thrillers psicológicos; Kate, em ficção literária. E Helena, bem, ela apoia os negligenciados: os livros que, em sua opinião, não receberam a devida atenção.

Elas erguem as suas taças de martínis de lichia num brinde, prontas para dar início à reunião. A assassina olha para a própria taça erguida, admirando o brilho sob a luz. Ela toma um gole, deixando o líquido gelado queimar a garganta. Com os dedos, leva à boca uma das lichias embebidas em licor. Crava os dentes na fruta com determinação, e a doçura toma conta do seu paladar, anulando o amargor da vodca. Engole e pouisa a taça.

Ela está com as instruções em mãos, e está prestes a executar o plano. Tudo está pronto, conferido minuciosamente, prevendo todas as possibilidades, porque ela é uma planejadora cuidadosa e não deixa nada ao acaso. Ela lança um

olhar rápido para cada rosto na tela até se fixar naquele que escolheu como alvo. Faz uma pausa, perguntando-se se realmente é capaz de cumprir o que lhe pediram. Espera que a dúvida ou o arrependimento tomem conta dela, mas nada acontece. Dá um sorriso discreto, pensando em como o plano todo é inteligente. Ninguém vai perceber o que está por vir. Assim que isso terminar, ela poderá viver em paz, do jeito que quer, sem ter que prestar contas a ninguém.

Ela mantém as mãos pairando sobre o laptop e, em seguida, move os dedos rapidamente pelo teclado até que tudo esteja pronto, exatamente como ensaiou. Ela se dá uma última chance para desistir, mas sabe que não vai recuar. Isso é importante demais. Ela precisa ir até o fim. Pressiona uma tecla, as telas das Bookers travam e logo escurecem. As mulheres gritam, sem entender o que está acontecendo. A assassina empurra a cadeira para trás, fica de pé e saca a arma.

O show vai começar.

1

UM MÊS ANTES

JESSIE

JESSIE TANG ESTAVA NO SUBSOLO DA GRAND CENTRAL TERMINAL E tirou o celular da bolsa. Ela estava prestes a descer o último lance de escada para o metrô da linha sete quando o som de uma nova mensagem a fez parar. Achou que fosse o pai perguntando quando ela chegaria a Flushing para o jantar mensal em família. Mas era uma mensagem curta de Leigh.

Mas o que é isso???! Acompanhada de uma foto.

Jessie deixou escapar um suspiro de exasperação diante da mensagem dramática de Leigh. Ela clicou na foto e arregalou os olhos ao ver a própria imagem na tela. Reconheceu o barco em que estava, com o cabelo esvoaçando ao sabor do vento, uma mão na testa para proteger os olhos do sol, a cabeça jogada para trás num gesto de alegria. Percebeu o vestido com estampa floral que estava usando, comprado especialmente para aquela viagem. Uma viagem a respeito da qual ela ainda não havia contado a ninguém. Jessie nunca postava fotos de um lugar no qual ela tinha acabado de estar. Sempre esperava alguns dias, às vezes semanas.

Enquanto permanecia paralisada, atônita, as pessoas esbarravam nela dos dois lados, com as conversas e o barulho dos trens chegando e partindo da estação diminuindo. Ela piscou com força, para tentar se recompor, sabendo que tudo aquilo era um engano, que logo sairia daquele estado e voltaria à realidade. Afinal, quão absurdo seria imaginar que, de todas as pessoas, Leigh teria sabido da viagem particular de Jessie com Marco para Turks e Caicos? Ela se esforçou para encontrar uma explicação lógica para o motivo de estar olhando para uma foto sua em um barco no qual ninguém deveria saber que ela tinha estado.

Porque ninguém, *absolutamente ninguém*, sabia da carreira secreta de Jessie. Nem as suas amigas mais próximas, nem mesmo os seus irmãos. Os pais, taiwaneses tradicionais, simplesmente cairiam duros se descobrissem como ela realmente ganhava a vida. Por mais glamoroso que fosse conviver com os maiores atletas

do mundo, jornalistas esportivos como Jessie não ganhavam muito. E Jessie prometera a si mesma, desde criança, quando morava num pequeno e apertado apartamento de dois cômodos em um prédio infestado de baratas com os seus pais imigrantes e dois irmãos em Flushing, no Queens, que nunca mais seria pobre. Naquela época, eles dependiam das sobras que o pai trazia do restaurante chinês em que trabalhava para alimentar a família. Jessie tinha que usar roupas doadas por uma igreja das proximidades e ainda se lembrava da vergonha que sentiu quando outra garota reconheceu o vestido que ela estava usando.

Como Leigh havia conseguido essa foto, que ela nem sabia que tinha sido tirada? Marco não era um dos seus clientes habituais, mas ele fora avaliado. Ele ganhava dinheiro com imóveis. De que tipo, exatamente, Jessie não sabia, nem se importava. Eles se encontraram primeiro para tomar um drinque e se conhecer melhor, já que Jessie não aceitava o convite de qualquer um. Ela sabia que Marco também a examinara, para ver se ela era mesmo tão espetacular quanto diziam.

E ela era. Jessie podia perceber pelo brilho nos olhos de Marco que ele não estava nem um pouco decepcionado. Desde muito jovem, ela tinha percebido que fora abençoada em relação à beleza, e não hesitava em usá-la para conseguir tudo o que queria. Com um metro e setenta de altura, era alta para uma mulher asiática, com um corpo esculpido graças aos treinos diários. Ela acompanhara o jeito como o olhar de Marco havia percorrido as suas pernas incrivelmente longas e bem definidas, exibidas sobre os saltos de oito centímetros do Louboutin, comprados por Phillipe um mês antes, quando a levara a Paris por uma semana.

Jessie sabia o efeito que causava nos homens. Jogara a reluzente cabeleira escura sobre o ombro, deixando-a a cair até o meio das costas. Ela se virara para que Marco captasse todo efeito do seu beicinho. Tinha um rosto angelical, mas a mente e a determinação de uma agiota.

Jessie sabia o que queria, e ser médica ou advogada, como os pais taiwaneses esperavam, estava fora de cogitação. A escola e os estudos a matavam de tédio, e ela jamais suportaria os anos necessários para se formar em direito ou medicina. Ao mesmo tempo, queria uma vida repleta de caviar e roupas de grife, hotéis cinco estrelas e chefs particulares. E fora bastante esperta para descobrir como conseguir tudo isso. Não sentia vergonha, mas não era algo que os outros precisassem saber. Era o seu segredinho.

Outra mensagem de Leigh fez Jessie sair do seu devaneio.

O que está acontecendo, Jessie? É verdade o que o Marco está dizendo?

Jessie tentou manter a calma, apesar da irritação crescente. Como diabos Leigh sabia sobre Marco? Ninguém deveria saber sobre ele, nem sobre Jonathan, nem sobre Andy, nem sobre qualquer um da meia dúzia de homens que

sustentavam o estilo de vida bastante luxuoso dela. Quando Marco teria tirado aquela foto? As perguntas a acoassavam enquanto ela tentava decidir como responder a Leigh. Negar? Não admitir nada? Fugir do assunto?

O celular tocou, e quando Jessie viu que era Leigh, soube que estava encrocada. Leigh dizia odiar falar ao telefone, embora, pela experiência de Jessie, ela ligasse com muita frequência para alguém supostamente alérgica a chamadas de voz. Jessie sabia que isso significava que Leigh estava morrendo de vontade de descobrir a fofoca. Não havia como ignorá-la, porque Leigh era persistente e continuaria tentando até Jessie ceder. Aquela vaca.

Após respirar fundo, Jessie atendeu a ligação, levando o celular ao ouvido enquanto alguém a cutucava com o cotovelo.

— Me conte tudo. Você é mesmo... — Leigh disse e sussurrou as próximas palavras. — Uma garota de programa?

— Não — Jessie respondeu, fazendo um gesto negativo com a cabeça, mesmo sabendo que Leigh não podia vê-la.

— Mas o Marco disse...

Jessie a interrompeu bruscamente:

— De onde você conhece o Marco? Como você conseguiu essa foto?

— O Marco é irmão do Damian — Leigh respondeu, com uma alegria evidente na voz. — Você não sabia?

Jessie queria fazer desaparecer o sorriso que tinha certeza de que estava estampado no rosto de Leigh. Não, ela não sabia que o irmão de Marco era o noivo de Leigh. Ela e Marco não tinham falado nada sobre família. Marco não a remunerava por isso. Quais eram as chances de um dos seus clientes ter alguma ligação com alguém que a conhecia? Era um desastre. A apreensão se apoderou de Jessie como um veneno, à medida que entendia o que aquilo de fato representava. *Marco era irmão de Damian!*

— Damian disse que o Marco costuma contratar garotas de programa de luxo — Leigh afirmou, sussurrando as últimas palavras — porque está de saco cheio de mulheres correndo atrás do dinheiro dele.

— Acompanhante — Jessie deixou escapar entre os dentes. — Marco contrata acompanhantes, e não garotas de programa.

— Tanto faz — Leigh respondeu do modo indiferente. — Então você admite que é uma acompanhante? — E se apressou antes que Jessie pudesse retrucar. — A questão é que ele faz isso porque é bonito demais.

Mesmo sem querer, Jessie não conseguiu deixar de se lembrar da aparência de Marco em seu jato particular, durante o voo para Turks e Caicos. O cabelo escuro e ondulado dele estava caído sobre um dos olhos, ressaltando um

olhar melancólico; o queixo anguloso dava a impressão de ser capaz de lapidar um diamante; e o peito largo havia amparado a cabeça dela com perfeição. A coxa de Marco ficara encostada na dela; a presença dele era imponente e acolhedora; e o perfume suave com toque cítrico a envolvera como tentáculos. Jessie havia sentido o despertar de um lampejo de desejo, intuindo que aquela viagem prometia ser muito boa.

Ele havia pegado uma das mãos de Jessie com as duas mãos e disse, com a voz grave:

— Eu tenho dinheiro. Prefiro pagar pela companhia de uma mulher bonita e inteligente, que saiba desde o começo o que vai rolar, do que ficar sujeito ao bando de mulheres superficiais que me cercam. Não preciso nem quero uma esposa. Quero uma conversa inteligente e uma transa prazerosa.

A palavra “transa” ressoara pelo corpo de Jessie como um choque. Ela ficara hipnotizada pelos lábios provocantes de Marco, querendo inclinar-se e prender o lábio inferior dele entre os dentes. Ele havia estendido a mão e a puxado para perto, deslizando a alça fina da regata preta Balenciaga dela pelo ombro.

Agora, Jessie começou a tremer ao recordar o corpo musculoso de Marco no avião, o toque suave dele em contraste com a sua fachada rude. Se ela fosse do tipo que se apaixona, talvez tivesse se deixado envolver por ele naquele fim de semana. Mas Jessie não era de amar nem de se prender a relacionamentos. Não precisava de um homem para se sentir completa. Usava-os para conseguir o que queria da vida e, se eles tivessem sorte, voltariam a encontrá-la. Sempre segundo as regras dela.

O suspiro de Leigh ecoou pela linha telefônica.

— É meio romântico, tipo *Uma linda mulher*. Marco está a fim de você. Por isso ele mandou a foto para o Damian. Eu vi sem querer — Leigh disse, dando uma risadinha estridente que Jessie sentiu como uma punhalada. — Imagine a minha surpresa quando pensei: *Peraí. É a Jessie!* — Leigh continuou.

Jessie fechou os olhos, ouvindo mentalmente: *merda, merda, merda*. O guincho dos freios de um trem que se aproximava acompanhou o grito em sua cabeça. Isso não podia estar acontecendo. Ela sempre fora tão cuidadosa, protegendo a privacidade dos seus clientes tanto quanto a sua. E logo Leigh tinha que descobrir? A exigente e pretenciosa Leigh, que nunca precisou trabalhar um dia sequer na vida, passando do pai rico para o noivo ainda mais rico. A privilegiada Leigh, que realmente acreditava que o mundo girava ao seu redor e que o dinheiro comprava felicidade. Tentando manter a calma, Jessie mordeu os lábios e levou a mão livre até a têmpora. Aquilo era ruim. Muito ruim.

— Jessie? Alô? Tá me ouvindo? Imagine só quando as outras Bookers descobrirem. — A voz presunçosa de Leigh fez Jessie levantar a cabeça muito rápido, deixando-a tonta.

— Não — Jessie rosnou. — Isso tem que ficar entre nós duas. Não é o que você está pensando.

— É, sim — Leigh afirmou.

Jessie conseguia imaginar perfeitamente o sorriso debochado de Leigh.

— Tenho certeza de que as garotas vão ser discretas. Não dá pra não comparar com elas! — Leigh prosseguiu, mas o tom mudou, ficando sério. — E, além do mais, é exatamente o que estou pensando. Damian e Marco são super próximos. Como você entrou nesse ramo? Marco disse que você cobra caro. Força, garota!

Jessie deixou escapar um suspiro cheio de fúria. Se Leigh estivesse ao seu lado e não tão longe, em Chicago, Jessie teria acertado a cabeça dela com o que quer que estivesse à mão. Não permitiria que Leigh destruísse tudo o que ela havia conquistado com tanto esforço. Com puro ódio pela outra mulher tomando conta dela, Jessie tentava se recompor.

— É melhor você ficar de bico fechado — ela disse entre os dentes, mesmo sabendo que era uma ameaça fraca contra o deleite de Leigh.

— Eu posso ficar de bico fechado — Leigh disse e fez uma pausa dramática. — Mas o meu silêncio tem um preço.

Jessie respirou fundo. — Você está me ameaçando? — ela perguntou em voz baixa.

— De jeito nenhum — Leigh respondeu, e outra onda de ódio contra a falsa amiga varreu Jessie. — Você sabe o que eu quero.

Aquilo não podia estar acontecendo. Jessie deveria estar agora no vagão da linha sete, a caminho de ser a filha exemplar que os seus pais achavam que ela era. Sentiu água na boca ao pensar no *ba-wan* que o pai estava preparando naquele dia. A massa gelatinosa do bolinho taiwanês feito com farinha de arroz e batata-doce, recheado com carne de porco, brotos de bambu e cogumelos, era um dos seus pratos favoritos. O pai a enxergava como a sua *baobei*, o seu tesouro, a boa filha taiwanesa que o enchia de orgulho. Contudo, ao pensar na mãe, os lábios dela se curvaram num gesto de desgosto. Seu pai deveria ter saído de casa anos atrás. E, ainda assim, eles continuavam casados, apesar das muitas infidelidades da mãe.

Jessie soltou um suspiro, não querendo pensar no ódio que sentia pela mãe. Alisou o vestido bege e sem graça que cobria as clavículas e se estendia até abaixo dos joelhos. Nos pés, calçava sapatilhas pretas. Jessie era uma camaleoa. Podia fazer o papel da respeitosa filha taiwanesa e, logo depois, tornar-se uma dama

refinada e elegante. Num momento, era uma jornalista esportiva respeitada e, no seguinte, uma acompanhante muito bem paga. Sabia como lidar com os pais, dando-lhes o suficiente para satisfazê-los, sem jamais revelar a sua verdadeira vida. Mandava-lhes dinheiro todo mês, mas eles achavam que vinha do seu emprego. Ao olhar para o celular, percebeu que iria se atrasar. O *ba-wan* estava esperando, e nada iria se interpor entre Jessie e a comida do pai.

— Eu já te disse, não consigo fazer o Cash Malone ir à festa de aniversário de Damian — Jessie disse tentando conter a raiva. — Não tenho tanta influência assim.

Leigh vinha pegando no pé de Jessie desde que soube da entrevista que ela fizera com Cash, o atual *quarterback* sensação da liga de futebol americano, que havia vencido três *Super Bowls* nos últimos quatro anos.

— Tem, sim — Leigh afirmou com frieza. — Você entrevistou o cara na casa dele. Eu pago o que ele quiser. Damian daria tudo pra conhecer o Cash.

— Preciso ir. — Jessie tentou não deixar a raiva transparecer na voz. Ela não tinha tempo para enfrentar Leigh naquele momento. — Estou indo encontrar os meus pais e já estou atrasada. — Jessie estava prestes a desligar quando a voz de Leigh a deteve.

— Peraí. Se você não me ajudar, vou contar para os seus pais o que você faz de verdade.

Jessie quase sufocou com o fedor dos corpos sujos, da urina e de mofo onipresente que dominava todas as estações de metrô.

— Não me ameace — ela disse, num sussurro ríspido.

— Não estou ameaçando — Leigh falou com naturalidade. — Você me ajuda, e eu te ajudo. Pense nisso.

— Tchau. — Com a mão trêmula, Jessie desligou.

Ela desceu a escada correndo até a plataforma inferior e, em seguida, ficou atrás de um corrimão para que ninguém a empurrasse para os trilhos, tentando manter a calma. Jessie havia levado anos para chegar à posição que ocupava no jornalismo esportivo e sentia orgulho disso, mesmo que não ganhasse tanto dinheiro quanto gostaria. Começara como estagiária não remunerada e foi subindo aos poucos até o seu cargo atual. Ela era obcecada por tudo relacionado ao mundo dos esportes, o que era parte essencial do seu trabalho.

Jessie acreditava que conheceria um jogador e se casaria com ele, ou que, pelo menos, o estilo de vida corresponderia às suas expectativas. Não correspondera. Até que um dia ouviu por acaso o jogador de futebol americano que estava entrevistando atender um telefonema e dizer algo sobre uma mulher que havia “contratado” para o fim de semana. Atenta, Jessie aproveitou a deixa e fez um

acordo com o homem: o silêncio dela em troca do contato dele. Nunca se arrependeu, e agora ela e o jogador eram grandes amigos.

Não havia a menor chance de Jessie deixar que Leigh estragasse a sua vida perfeita. Sentiu o sangue ferver ao imaginar todas as formas de calar Leigh. Uma queda accidental da varanda. Afogamento. Envenenamento. Para afastar os pensamentos homicidas, abriu as suas redes sociais, começando a navegar pelas postagens no instante em que um trem chegou à estação. Encontrou um assento e acalmou a sua raiva diante do apelo das fotos e vídeos. Enquanto observava a tela do celular, percebeu que a conta da sua amiga Kate estava anormalmente silenciosa. Kate postava dia sim, dia não, religiosamente. E já fazia cinco dias sem nenhuma atualização. O que estava acontecendo?

Chateada por não ter se preocupado com a amiga, Jessie enviou uma mensagem breve para Kate. De todas as mulheres do clube do livro, era com Kate que ela tinha mais afinidade. Compartilhavam o mesmo humor sarcástico e uma visão da vida sem rodeios e costumavam trocar mensagens privadas, fofocando a respeito das outras mulheres durante as sessões do grupo de leitura.

Sem receber resposta, Jessie enviou outra mensagem.

Tudo bem com você? Precisa conversar? Conte comigo se precisar.

Nada de resposta, o que era algo incomum para Kate. Jessie estava prestes a guardar o celular quando o aparelho emitiu o som de nova mensagem. Era de Sidney, a respeito de uma postagem em parceria que planejavam para o dia seguinte, para ajudar uma autora estreante de uma pequena editora a divulgar seu livro. A obra era suficientemente nua e crua para saciar a sede de sangue de Jessie (em livros, claro), mas com bastante reviravoltas e um desfecho inesperado para prender Sidney, e elas queriam apoiar a autora para aumentar sua visibilidade.

A festa de Mandy está para começar, mas ela quer confirmar se está tudo certo para amanhã às dez horas.

Tudo certo, Jessie digitou em resposta, mordendo o lábio, apreensiva. Sidney insistira que divulgassem o livro numa segunda-feira, enquanto Jessie preferia fazer isso numa quarta ou quinta. Porém, Sidney tinha mais seguidores do que ela, então, quem era Jessie para questionar?

Após guardar o celular, Jessie olhou pelas janelas do trem, notando que já haviam saído do túnel e estavam sobre a linha elevada, no Queens. Ligaria para Kate assim que saísse do vagão. Jessie podia se dar ao luxo de pegar Ubers ou táxis, mas, na verdade, gostava do metrô. Aquilo era vida real, uma maneira de manter os pés no chão. Seus pais tinham medo de andar de metrô, pensavam que alguém os empurraria nos trilhos só por serem asiáticos. O medo os

mantinha presos em Flushing, nunca saíam de lá, a não ser quando a irmã de Jessie vinha de Connecticut e os levava para passear.

Com raiva contida, Jessie cerrou os dentes, mais decidida do que nunca a não deixar Leigh bagunçar a sua vida. Jessie amava os pais, mas não gostava do modo como viviam. Preferia morrer a viver daquele jeito. Precisava descobrir o que fazer com Leigh, como calá-la de vez.

2

UM MÊS ANTES

SIDNEY

— SURPRESA!

Sidney Aquino sorriu ao ver a expressão de espanto de sua melhor amiga, Mandy Hsu. Sidney só teve tempo de puxar Mandy para um abraço rápido, sussurrando “feliz aniversário” junto ao ouvido dela, antes que a amiga sumisse entre os demais convidados.

— Você conseguiu — Nicholas, marido de Sidney, disse, chegando por trás dela carregando Nicky, o filho de três anos, nos braços.

— Tia Mandy ficou tão surpresa — afirmou Jammie, de cinco anos, dançando em volta de Sidney, com o cabelo escuro e ondulado balançando. — A gente mandou bem, mamãe.

— Arrasamos — Sidney respondeu, festejando com a filha com um cumprimento de mão antes de percorrer o recinto com os olhos.

Com a ajuda de Teresa, a assistente de Nicholas, e uma equipe de profissionais de eventos, transformaram a sala de jantar privativa de um restaurante exclusivo em São Francisco em um paraíso tropical. Palmeiras falsas estavam espalhadas pelo ambiente e, em um canto, a areia cobria o chão, criando uma praiinha (o gerente do restaurante ficou louco por causa da areia, mas Sidney o tranquilizou garantindo que tudo seria limpo depois). Alguns bares em estilo polinésio estavam dispostos ao longo de uma parede, e por toda parte havia flores tropicais perfumadas, como hibiscos, estrelícias, jasmims e gardênias em vasos gigantes e também em arcos cobertos por grandes frondes verdes. Uma trilha musical havaiana soava pelos alto-falantes.

Um pequeno bichon frisê branco veio correndo até Sidney, ofegando feliz para ela. Ela se abaixou para pegá-lo nos braços.

— Casper! — ela disse, fazendo carinho no focinho dele, que retribuiu com uma lambida. Casper se comportava tão bem que o dono do restaurante havia permitido a sua presença.

Sidney o tinha resgatado alguns anos antes de uma casa onde ele ficava amarrado do lado de fora, estava desidratado e coberto de feridas. Ela cortou a corrente que prendia o pobre cachorro a uma árvore e o pegou, mesmo quando o dono, um homem de sessenta e poucos anos, com a cabeça raspada e um cigarro pendurado na boca, saiu para confrontá-la. Ela não sentiu medo daquele homem cruel. Encontraram mais seis cães e quatro gatos na casa dele, todos famintos e vivendo na imundície.

Para Sidney, quem maltratava animais era a escória da escória, e ela tratava de pôr fim ao reinado de terror daquele sujeito. Ele jamais voltaria a maltratar outro animal. Ela se lembrou do choque dele quando, poucos dias depois, ela surgira do nada com um taco de beisebol na mão. Ela havia quebrado as rótulas e esmagado as mãos dele, deixando-o no quintal, onde o surpreendera no escuro. Ele nunca soube o que — ou quem — o atingira, porque ela se disfarçara muito bem. Exatamente como o seu pai lhe ensinara.

Sidney voltou ao momento presente quando Casper a cutucou com o focinho.

— Ninguém vai te machucar de novo — ela disse, apertando-o contra o peito.

Sidney estava quase pegando uma taça de champanhe da bandeja de um garçom quando o celular vibrou em sua mão. Olhou para baixo e franziu a testa, irritada. Era Leigh de novo. Nos últimos dois dias, ela vinha ligando para Sidney diversas vezes por dia. Com uma careta, ela atendeu a ligação enquanto colocava o cachorro de volta no chão.

— Você não contou para ele, contou? — perguntou Leigh, com uma voz tão estridente que fez a cabeça de Sidney latejar.

— Leigh — Sidney suspirou. — A festa da Mandy acabou de começar. — Virou-se para pedir para Nicholas que lhe trouxesse uma taça de champanhe, mas se deu conta de que ele e as crianças não estavam mais ao seu lado.

— Você precisa me prometer — Leigh disse com urgência na voz. — Esqueça o que eu disse. Eu estava bêbada. Não sabia o que estava falando. Nicholas não pode saber.

Sidney voltou a percorrer o ambiente com os olhos. — Isso não é da nossa conta.

Nicholas conhecia Damian Walters, noivo de Leigh, porque o primeiro era investidor no fundo de investimento do segundo. Sidney semicerrou os olhos ao avistar Nicholas em um canto, concentrado numa conversa com Teresa.

— Sidney...

Sidney a interrompeu: — Não tenho tempo para isso agora.

— Ah — Leigh bufou. — Você acha que é melhor do que eu, agora que está mais popular que a Kate?

Sidney suspirou. — Não. E não sou mais popular que Kate. Ela é a celebridade, não eu.

Leigh desdenhou. — Não, senhora. As pessoas acham que Kate é a responsável pela morte daquela autora, Eliza Crandall.

Sidney engoliu a irritação e suavizou a voz. — Preciso mesmo ir. A gente conversa sobre isso mais tarde, tá ok? Tchau, querida. — E desligou antes que Leigh pudesse dizer qualquer outra coisa.

Sidney sabia que deixara Leigh zangada, mas naquele momento não tinha paciência para ela. Colocou o celular no modo “não perturbe” e pegou uma taça de champanhe rosé da bandeja de um garçom. Só o melhor para a sua melhor amiga.

Mandy e ela se conheciam desde os oito anos, eram as únicas asiáticas no bairro de maioria branca no estado da Geórgia. Sidney e os pais haviam se mudado de Nova York quando ela estava na terceira série. Seu pai, um filipino que presidia um dos maiores conglomerados do país, com interesses em companhias aéreas, bancos e telecomunicações, cismara que os filhos deveriam crescer como Scarlett O’Hara. ... *E o vento levou* era o seu livro favorito (pouco importava que Sidney achasse o livro racista e problemático quando já tinha idade para entender). A esposa dele queria morar no Havaí ou voltar ao seu amado Porto Rico, e não em um estado sulista conhecido pelos pêssegos. Mas ela se conformou, porque ele prometera que, depois de alguns anos, poderiam morar onde ela quisesse.

Sidney adorava a Geórgia. Gostava dos sotaques do Sul dos colegas da escola e, poucas semanas depois de chegar, já havia adquirido um deles. Apreciava o clima, depois dos invernos rigorosos de Nova York. Mas, acima de tudo, passou a amar Mandy desde o momento em que presenciou dois garotos a intimidando. Sidney avançou e chutou a canela de um deles, sem se importar de ter sido mandada para a diretoria. Havia uma expressão de pânico em Mandy, como a de uma mariposa presa em uma teia de aranha, sabendo que lhe restavam apenas alguns minutos de vida. Sidney quis acalmá-la, garantir a Mandy que ninguém lhe faria mal enquanto ela estivesse por perto.

Elas passaram a ser inseparáveis desde aquele dia, e quando, anos depois, Sidney flagrou um dos mesmos garotos espalhando boatos de que Mandy teria feito sexo oral nele (o que não era verdade), Sidney fez questão de que ele se arrependesse muito das suas ações. Ninguém machucava pessoas queridas por ela e escapava impune.

Quando ela estava na oitava série, a família de Sidney se mudou novamente. Porém, os pais dela levavam Mandy para visitá-la várias vezes por ano. Então, embora Sidney tivesse ido morar em Porto Rico e depois no Havaí, exatamente como a mãe queria, Mandy continuou fazendo parte da sua vida. Elas eram irmãs no sentido mais profundo da palavra. Por isso, Sidney queria garantir que esse aniversário fosse especial. Sua melhor amiga vinha passando por momentos difíceis ultimamente.

— Festa incrível, Sidney — uma ruiva alta disse ao passar com um prato de comida.

— Você realmente se superou — a mulher indiana de aparência marcante ao lado da ruiva assentiu.

Sidney sorriu e agradeceu o elogio, mas a sua atenção estava voltada ao marido, que ainda estava concentrado numa conversa com a assistente, as cabeças inclinadas uma para a outra de um jeito... íntimo demais. Ela dedicou algum tempo para observar Nicholas, admirando o seu porte jovem, e como a pele clara dele contrastava com o tom mais escuro dela. Ele não se incomodou quando ela disse que manteria o sobrenome de solteira. Nicholas era o melhor marido do mundo. Será que era mesmo?

Não estava acontecendo nada. Nicholas não faria isso. Ele sabia o que Sidney pensava sobre homens que traem: eles eram tão desprezíveis quanto os que maltratavam animais e abusavam de crianças. Com impaciência, Sidney balançou a cabeça, repreendendo-se por estar insegura. Teresa finalmente se afastou de Nicholas, e Sidney se dirigiu até o marido. Ele a viu se aproximar e deu aquele sorriso demorado que havia chamado a atenção dela no dia em que se conheceram.

Sidney recobrou a confiança. Então, procurou por Mandy para contar que eles emprestariam a casa de veraneio em Kauai para ela pelos próximos dois meses. Mandy havia caído em profunda depressão desde que flagrara o namorado, Rob, na cama deles com uma vizinha. No mesmo dia, ela pegou a sua cadela, Piper, e se mudou para o apartamento que Sidney e Nicholas mantinham no centro de São Francisco, para quando Nicholas precisava trabalhar até tarde. Apenas alguns dias depois de Mandy ter deixado Rob, Piper morreu inesperadamente nos braços dela. O primeiro presente de Sidney para Mandy era a chance de se desligar um pouco. E então, depois da festa, quando as crianças e Nicholas já estivessem na cama, Sidney daria a Mandy o seu segundo e mais importante presente.

* * *

SIDNEY SE ESGUEIROU PELA ESCURIDÃO ATÉ O BECO SEM DIFICULDADE, em comunhão com a noite. Ela sabia aonde Ron ia todas as noites de domingo, porque ela havia mandado investigá-lo quando ele começou a namorar Mandy, um ano antes. Mandy era boa demais para ele, mas sua melhor amiga estava fragilizada pelo divórcio quando conheceu Rob. Ele fazia Mandy se sentir especial, então Sidney decidiu ficar calada. Porém, ela o manteve sob vigilância por meio de um detetive particular e o conhecia melhor do que a amiga. Na verdade, foi Sidney quem fez Mandy voltar para casa mais cedo naquele dia, durante o encontro delas para jantar, sabendo o que a melhor amiga encontraria em casa, na cama deles.

A porta dos fundos do bar se abriu, e o som alto da música e o burburinho das conversas ecoaram pelo beco. Ela sentiu o cheiro azedo de cerveja do boteco, misturado ao odor enjoativo de fritura. Dirigiu a atenção para o homem que saiu para o beco, deixando a porta bater atrás dele. Ele tirou um cigarro do maço e o acendeu, sem perceber que ela estava a menos de dois metros dele.

Ah, Rob, Sidney pensou. Previsível como sempre. Esperando para encontrar o seu traficante.

Ela ficou o observando por algum tempo, esse homem branco sem nada de especial, que tinha uma queda por mulheres asiáticas e não fazia segredo disso. Ele já havia dado em cima de Sidney uma vez, quando ela foi tomar um drinque com eles, assim que Mandy foi ao banheiro. Agora, Sidney permanecia em silêncio nas sombras do beco, certa de que ele não notaria a sua presença até que ela quisesse. Sidney sabia como ficar absolutamente imóvel, prendendo a respiração, a ponto de se tornar invisível.

Quando ela se cansou, moveu-se com uma rapidez impressionante, aproximando-se de Rob por trás e estendendo uma mão em direção ao pescoço dele. Sidney o atingiu com uma arma de choque, e o corpo de Rob convulsionou enquanto ela o segurava contra a parede para mantê-lo ereto. O cigarro caiu no chão, e a boca de Rob se abriu e fechou como um peixinho. Quando ela se moveu para que ele pudesse ver o seu rosto, Rob empalideceu e arregalou os olhos em pânico. Em breve não importaria mais ele tê-la reconhecido.

— Você achou que ia sair disso numa boa, não foi? — Sidney disse, com a voz amena, como se estivesse falando sobre o tempo com um vizinho. — Você não se importou com os sentimentos da Mandy, e nem sequer tentou disfarçar. — Sidney balançou a cabeça, como se lamentasse. — Levar aquela mulher para a cama que você dividia com a Mandy. Isso é muito nojento.

Rob não conseguiu falar nada, e Sidney percebeu a mão dele tentando alcançar algo. Ela deu um tapa nos dedos, fazendo a mão dele se imobilizar na hora.

— Sabe o que mais eu descobri? — Sidney franziu os lábios, avaliando Rob, cujos olhos seguiam cada movimento dela. — Você mentiu para a Mandy quando disse que levou a Piper para fazer o último eletrocardiograma. Falou que estava tudo bem, que a insuficiência cardíaca de Piper não tinha piorado. Você sabia o quanto Piper era importante para a Mandy, e mesmo assim não cuidou dela. Em vez disso, você ficava transando com a vizinha na cama de vocês, deixando Piper trancada na garagem.

Rob arregalou os olhos, e Sidney deu uma risadinha contida.

— Como eu sei? Eu sei tudo sobre você. Sei que você chutava a Piper quando ela começava a latir — ela disse, com a expressão ficando séria. — O coração dela parou porque você não deu a medicação que teria dado mais alguns meses de vida com a Mandy. Você traiu as duas.

Sidney enfiou a mão na bolsa para pegar uma seringa. Rob tentou afastá-la, com os lábios formando um “não” rouco. Ela suspirou e deu mais um choque nele. Então, ficou esperando até o corpo dele parar de convulsionar. Dessa vez Sidney usou a voltagem mais alta, e um cheiro de carne queimada impregnou o ar.

Sidney ergueu a mão, mantendo contato visual com Rob. — Você gosta tanto de se drogar que vou te proporcionar o maior barato da sua vida — ela disse e segurou a seringa diante do rosto dele. Então, se inclinou para que ele ouvisse cada palavra. — Isso é pela Mandy. E pela Piper.

Rob tentou detê-la, mas não conseguiu se mexer. Em questão de segundos, tudo acabou, e Sidney o soltou, deixando-o desabar no chão. Afinal, o que Mandy tinha visto nele? Ele não passava de um sujeito patético, com duas faltas graves: era um canalha infiel e um cara que maltratava bichos. Ela contornou o corpo dele e saiu do beco sem olhar para trás. Sidney sabia que o traficante dele sairia pela porta dos fundos a qualquer momento, e então caberia a ele decidir se salvaria Rob ou não.

De volta ao carro, era como se Sidney nunca tivesse estado naquele beco. Ela religou o celular e, irritada, estalou a língua ao ver a quantidade de mensagens de texto e de áudios de Leigh. Sidney não tinha tempo para o drama de Leigh. Não era culpa dela que Leigh estivesse bêbada quando elas fizeram uma chamada de vídeo dois dias antes para conversarem sobre um painel virtual que fariam juntas. Percebera que Leigh estava abalada e, como qualquer pessoa atenciosa faria, perguntou o que havia de errado. E Leigh havia contado tudo sobre a traição ao noivo.

Sidney sabia que Leigh faria um escândalo por estar sendo ignorada, mas não tinha medo dela. Não havia nada que Leigh ou qualquer outra pessoa

pudesse fazer para machucar Sidney. Ela era quem estava no controle, quem punia as pessoas ruins. Fazia isso desde os oito anos, quando havia atacado aqueles meninos por causa de Mandy, e a coisa havia se agravado aos catorze anos, quando seu pai percebeu que ela era igual a ele. Ninguém sabia disso: nem a mãe, nem Nicholas, nem Mandy. Para o mundo, Sidney era uma pessoa generosa e gentil. Mas ela tinha outro lado que só o pai conhecia.

Mandy merecia um homem melhor que Rob, e agora Sidney tinha certeza de que ele nunca mais conseguiria rastejar de volta para a vida dela.

Feliz aniversário, Mandy.